

358. 152. 333. 4468. 103 10

CIDADE

Continuam invasões aos 4675 hectares dos Tapeba

Fiscalização do Ibama constatou ontem o desmatamento da área onde mais de 3 mil carnaubeiras já foram cortadas

A reserva indígena da comunidade Tapeba encontra-se mais uma vez ameaçada por particulares. Atualmente, uma área incluída nos 4.675 hectares identificados e limitados pela Funai como terra dos Tapebas, está sendo desmatada para um futuro loteamento. De acordo com Francisco Alberto Teixeira, conhecido como o cacique Alberto, cerca de três mil carnaubeiras, importante fonte de renda da tribo e utilizada na confecção de chapéu, bolsa, corda, coque e cera, já foram derrubadas. Ontem, representantes da Funai e fiscais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), estiveram juntamente com lideranças indígenas no local, a fim de fazer fiscalização. A área tem aproximadamente cinco hectares e está localizada nos quilômetros 7 a 12 da BR-020.

Os fiscais do Ibama constataram o desmatamento e a degradação ambiental do local. Eles analisaram que está havendo a supressão da vegetação arbustiva e de gramíneas às margens do rio Ceará, de fundamental importância para a fixação do solo. O chefe da Divisão de fiscalização, Elder Oliveira, que confirmou a agressão ao meio ambiente, explicou que nenhum órgão pode permitir qualquer devastação em área de preservação permanente. Ele cita o artigo 225, da Constituição Federal, que trata do assunto. "Cabe ao Poder Público e à coletividade preservar áreas de patrimônio público para presente e futuras gerações".

O chefe do Posto Indígena Tapeba, da Ilha, Francisco Araújo Magalhães, que já havia feito a denúncia para a Pastoral Indigenista, dissera que havia tratores e pás mecânicas no lugar. Durante a fiscalização não foi flagrada nenhuma dessas máquinas, mas os fiscais constataram a construção de cercas e aberturas de ruas por todo o trecho desmatado. Uma outra denúncia do chefe da Funai diz respeito à retirada de areia do rio Ceará, o que provoca uma forte erosão. No momento em que os técnicos faziam o levantamento e as investigações preliminares para identificar os causadores do desmatamento e da degradação, um caminhão passou em direção ao rio. Contudo, o veículo voltou sem nenhuma carga de areia.

INVASÃO - Antes da fiscalização chegar ao local denunciado, a reportagem do Diário do Nordeste já havia conversado com um pedreiro que trabalhava na área. João Gomes Moura disse estar trabalhando para um "tal Fiúza", que ele não sabia onde morava nem seu nome completo. Informou apenas que o homem que se dizia dono das terras as vendeu para um italiano. Segundo ele, o "Fiúza" contratou seus serviços para que fizesse uma casa de vigia, a mando do italiano. Moura informou, ainda, que trabalhadores estavam no local construindo quatro mil metros de cerca. A equipe do Ibama, ao tomar conhecimento do assunto, foi em busca do pedreiro, mas não mais o encontrou.



Fiscais do Ibama constataram ontem pela manhã a denúncia de invasão e desmatamento da área dos índios

O fiscal do Ibama, Marcelo Correia Teixeira, localizou depois um outro trabalhador a serviço do "tal Fiúza". O empregado chamava-se Francisco Loureiro da Costa, que também não tinha muitos dados a respeito do "suposto invasor". Marcelo Teixeira que notificou o Fiúza através do empregado, solicitou que o mesmo comparecesse ao Ibama dentro de um prazo de 24 horas, a fim de esclarecer o desmatamento dos cinco hectares de terra e a degradação do local. Foram identificadas também mil estacas estocadas dentro da área. O fiscal informou que procedendo a autuação, o tal Fiúza poderá receber duas multas pelo desmatamento e pela destruição do meio-ambiente em área de preservação. De acordo com Teixeira, a multa gira em torno de R\$ 1,5 mil por hectare.

COMUNIDADE - O cacique Alberto que observou os danos feitos na região, lamentava a triste sorte dos tapebas. "Faz tantos anos que nós lutamos por essa demarcação. Eram 30 mil hectares, baixou pa-

ra 18 e quando a Funai reconheceu ficou em 4.675. Eu penso que quando essas terras forem para as mãos dos índios não teremos direito nem a quatro mil hectares", confessou. Indagado sobre o que a comunidade fará com as terras quando elas forem demarcadas, ele explicou: "Se Deus quiser iremos trabalhar apoiados em projetos. Veremos de plantação como o milho, feijão, frutas, criaremos caprinos e suínos".

Ele lamenta o fato das 72 famílias residentes nas aldeias Ponte e Vila Nova, localizadas às margens do rio Ceará, não terem condições de plantar porque o espaço é limitado e as águas dos rios estão poluídas. Grande parte do mangue também foi aterrada. "Não temos mais o peixe nem o camarão, nem o caranguejo. Só o artesanato resta como nossa fonte de sobrevivência", informou. Atualmente, existem 2.800 índios tapebas, divididos em cinco aldeias: Ponte, Capocira, Trilho, Lagoa e Vila Nova. Conforme o chefe do Posto da Funai, Francisco Magalhães, todos os 4.675 hectares estão sendo invadidos em pontos diferenciados.

Luciano Arruda